



NAS NARRATIVAS DOS PEDAGOGOS, UM RETRATO DE SUAS CONDIÇÕES DE TRABALHO¹

LUCINDO, Nilzilene Imaculada ²
ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio ³

RESUMO

Este estudo de abordagem qualitativa investigou as condições de trabalho de 15 Pedagogos que atuam em instituições de ensino público da Superintendência Regional de Ensino de Ouro Preto, em Minas Gerais, no Brasil. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica e de campo, tendo como referencial teórico Oliveira (2004), Zeichner (1993), Codo, Vasques (2000), Fávero, Semeraro (2002), Saviani (1982) e Tardif, Lessard (2005). A análise dos dados foi desenvolvida a partir das transcrições dos relatos. Os resultados indicaram a existência de concepções distintas acerca das condições de trabalho, pois essas variam em função da rede de ensino, do tempo histórico e das expectativas que cada profissional possui. Contudo, para a maioria, as condições estão longe de serem ideais. Mediante o cotidiano a que se sujeitam, eles afirmam que sua disposição em conviver com este cenário se justifica pelo gosto daquilo que fazem, pelo amor a profissão e pelo prazer que seu trabalho proporciona.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogos - Condições de Trabalho - Profissão Docente.

ABSTRACT

This qualitative study investigated the working conditions of 15 pedagogues in public education institutions of the Regional Superintendence of Education of Ouro Preto in Minas Gerais, Brazil. The methodology used was the literature and field research, as theoretically understood in Oliveira (2004), Zeichner (1993), Codo, Vasques (2000), Favero, Semeraro (2002), Saviani (1982)

¹ Artigo apresentado no Congresso International Study Association on Teachers and Teaching - ISATT, realizado na Universidade do Minho, em Braga - Portugal, nos dias 10 e 11 de outubro de 2014.

² Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Ouro Preto; Pós-Graduada em Gestão de Pessoas com ênfase em Pedagogia Empresarial; Gestão Contemporânea da Educação Escolar e em Supervisão, Orientação e Inspeção Escolar; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto. Membro do FOPROFI – Grupo de Pesquisa sobre Formação e Profissão Docente. Email: nilzilenelucindo@yahoo.com.br

³ Graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1979), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1999) e Doutorado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP. Professora Adjunta II no Departamento de Educação, Coordenadora do Programa de Extensão de Educação de Jovens e Adultos, presidente do Colegiado de Pedagogia, pesquisadora e professora no Mestrado Acadêmico em Educação e no Mestrado Profissional em Ensino de Ciências – Universidade Federal de Ouro Preto. Membro do FOPROFI – Grupo de Pesquisa sobre Formação e Profissão Docente. Email: regina.magna@hotmail.com

and Tardif, Lessard (2005). The data analysis was developed from the transcripts of the reports. The results indicated the existence of distinct working condition conceptions, as these vary depending on the school system, the historical time and the expectations of each professional. However, for most, the conditions are far from being ideal. Despite the routine they are subjected to, they claim that their willingness to live in this scenario is justified by their liking what they do, their love for the profession and pleasure that their work provides.

KEYWORDS: Pedagogue - Working Conditions - Teaching Profession.

A PROPOSTA DO ESTUDO

Este estudo de abordagem qualitativa se desenvolveu centrado nas experiências e percepções de um grupo de Pedagogos que atuam em instituições de ensino público da jurisdição da Superintendência Regional de Ensino de Ouro Preto, MG - Brasil. Os dados apresentados neste trabalho constituem parte do *corpus* de uma pesquisa de Mestrado. Como metodologia foi adotada a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, tendo como instrumento de coleta de dados um questionário que buscou levantar o perfil desses indivíduos e uma entrevista semiestruturada, aplicada na perspectiva da abordagem biográfica, procurando, por meio das narrativas orais, explorar aspectos inerentes ao processo formativo e atuação desses profissionais.

Optamos por trabalhar com profissionais em exercício, por considerar que pelas suas narrativas o sujeito expressa dimensões da sua experiência individual a partir do contexto no qual está inserido. Socializar o conhecimento produzido a partir das vozes dos Pedagogos propicia a formação de outros sujeitos, permitindo que esses se apropriem das experiências e práticas compartilhadas, que possibilitarão a construção de novos significados. A narrativa extrapola o papel de instrumento de coleta de dados ao se constituir uma alternativa que possibilita a formação e reflexão em torno das práticas docentes (CUNHA, 1997; SOUZA, 2006).

Neste texto, foi estabelecido um recorte temático visando trabalhar apenas com a categoria "condições de trabalho" vivenciadas pelos Pedagogos, destacando as percepções dos profissionais quanto a espaço físico de trabalho, materiais, equipamentos, infraestrutura e autonomia.

A amostra foi composta por 15 Pedagogos que atuam em instituições de ensino público, Educação Básica e Educação Superior, situadas nos municípios de Diogo de Vasconcelos, Itabirito, Mariana e Ouro Preto, em Minas Gerais.

Quanto ao perfil, o grupo entrevistado é composto por 13 mulheres e 2 homens; 14 atuam na Educação Básica e 1 no Ensino Superior. Os participantes da pesquisa ocupam funções com nomenclaturas distintas, estabelecidas pelo próprio curso de Pedagogia no Brasil e pela rede de ensino em que atuam: 11 são Supervisores Pedagógicos; 1 é Orientador Educacional e 3 são Pedagogos.

Os autores Oliveira (2004), Zeichner (1993), Codo, Vasques (2000), Fávero, Semeraro (2002), Saviani (1982) e Tardif, Lessard (2005) fundamentaram o trabalho e a análise dos dados foi desenvolvida a partir das transcrições dos relatos orais dos entrevistados, tendo como referencial metodológico estudos de Bardin (2011) e Franco (2008).



MARCO TEÓRICO

Mudanças significativas para os trabalhadores da educação vieram com as reformas educacionais da última década no Brasil, não apenas na escola, mas em todo sistema. Desde então, questões como condições de trabalho e precarização da atuação docente têm sido discutidas, incluindo as que se referem ao gestor e coordenador pedagógico, promovendo estudos e pesquisas na área. Entretanto, ainda observamos a ausência de produção bibliográfica, tanto as relacionadas às condições de trabalho na escola quanto às que identificam as consequências, resistências e conflitos (Oliveira, 2004) e, no Brasil, constatamos que as discussões sobre as condições de atuação do educador ainda são restritas e pouco divulgadas.

Estudo desenvolvido por Zeichner constatou, ao analisar as diferentes concepções de professor reflexivo e a prática reflexiva desses educadores, que o movimento reflexivo evidenciava certa

[...] tendência para se centrar a reflexão dos professores na sua própria prática ou nos seus alunos, desprezando-se qualquer consideração das condições sociais de ensino que influenciam o trabalho do professor dentro da sala de aula (ZEICHNER, 1993, p. 23).

Para este autor, essa tendência reflete uma posição individualista, observada no meio educacional e que não permite uma maior interação do educador com os demais participantes do sistema, num diálogo que promova o confronto e troca de pontos de vista e percepções.

O aumento no número de pesquisas e estudos relacionados às condições do trabalho docente foi notado na década de 1990, em especial, aqueles que apontavam os

efeitos do trabalho sobre a saúde física e mental do educador, como estresse e Síndrome de Bournout (CODO, VASQUES, 2000).

A partir deste período, mudanças políticas, sociais e culturais em curso no processo de constituição da democracia brasileira, foram empreendidas na busca de melhores condições de trabalho para o educador, condição fundamental para um ensino com qualidade social. Esta nova concepção de escola e de atuação docente deveria refletir os princípios democráticos então propostos (FÁVERO E SEMERARO, 2002).

Para Oliveira (2004), a maior contribuição deste período pode ser atribuída, não às mudanças, mas à construção de um debate nacional acerca do trabalho docente diante das inovações promovidas pela implementação de novas políticas e orientações pedagógicas que passaram a subsidiar as práticas em sala de aula e a organização e estrutura da escola pública.

As lutas políticas que marcaram este período, de natureza emancipatória e progressista (Saviani, 1982), foram substituídas pelo avanço das concepções neoliberais que influenciaram as políticas sociais e as reformas educacionais (Fávero e Semeraro, 2002), transpondo para o interior da escola a mesma lógica capitalista do setor privado, mercantilizando a educação.

As condições de trabalho do Pedagogo não são diferentes das dos docentes. Para Tardif e Lessard

O trabalho docente leva também as marcas da organização escolar: a autonomia dos professores é estreitamente canalizada pelo mandato da escola e sua maneira de organizar o trabalho. Em suas tarefas cotidianas, o professor trabalha em função dos programas e das finalidades escolares, (...) sendo que as suas interações são



predeterminadas pelo ambiente organizacional (2005, p. 28).

O Pedagogo convive num espaço dinâmico, complexo e não linear. Suas ações e decisões, nas orientações do trabalho docente, no contato com alunos e familiares são sustentadas pela compreensão que o mesmo constrói entre aquilo que é instituído, o que é proposto pelas legislações, diretrizes e parâmetros curriculares e aquilo que é instituinte, ou seja, tudo o que é vivo na dinâmica acadêmica, o currículo, planos de ensino e práticas pedagógicas.

Neste cenário, estabelecemos um diálogo com os Pedagogos no sentido de compreendermos sua percepção das reais condições de trabalho que lhe são oferecidas pela escola e pelo sistema de ensino.

O QUE ECOA DAS VOZES DOS PEDAGOGOS SOBRE SUAS CONDIÇÕES DE TRABALHOS?

As questões acerca das condições de trabalho dos Pedagogos⁴ apontam a existência de concepções distintas em torno de uma mesma temática, que corrobora para o entendimento de que essas condições variam em função da rede a que o profissional está vinculado, do tempo histórico, das expectativas que cada um possui e da forma como esse encara suas condições. As narrativas trazem à tona uma riqueza de aspectos que conduzem à exploração da categoria abordada. Dessa forma, com base nas memórias dos entrevistados, pudemos desenredar a avaliação que eles fazem de suas condições de trabalho.

Constatamos que grande parte dos entrevistados considera que não possui boas

⁴ Ao transcrevermos os depoimentos todos os entrevistados, independente do gênero, serão tratados por Pedagogos. Para diferenciar os sujeitos, acompanha um numeral identificador.

condições de trabalho.

Então, as condições de trabalho atrapalham um pouco, né, o desenvolver do trabalho que a gente define. [...] realmente a estrutura de trabalho, ela não está adequada, a gente sente falta. Isso atrapalha um pouco (Pedagogo 04).

As condições não são das melhores, mas se a gente ficar focado nas dificuldades aí seu trabalho não flui, você fica frustrada. [...] Eu sempre procurei trabalhar com o que eu tenho, né, com o que eu tenho (Pedagogo 09).

Distintamente da opinião dos primeiros, alguns avaliam que possuem boas condições de trabalho. "Hoje eu acredito que nós estamos trabalhando com uma condição muito melhor" (Pedagogo 02); "Nós somos uma escola pobre, mas organizada, [...] Bem pobrezinha, mas bem organizada. [...] Tudo. Tudo. Tudo. O que você precisa pra você trabalhar você tem" (Pedagogo 07). O Pedagogo 01, estabelecendo um comparativo com o tempo histórico também considera que hoje possui boas condições de trabalho.

Olha, olha, do que eu vivo, do que eu já vivi, a gente tem condições assim, eu considero boas. [...] Eu acho que as condições vêm, estão se adequando a cada momento. [...] Acho que com tudo então, eu considero, tá adequando, melhorando a cada dia. (Pedagogo 01).

Observamos que alguns entrevistados recorreram às suas lembranças com vistas a estabelecer também um comparativo em função da rede de ensino em que atuavam. "E as condições de trabalho vão variando. Depende da escola que a gente está. Eu já trabalhei em várias escolas diferentes com várias condições diferentes" registrou o Pe-



dagogo 05. Há aqueles profissionais que consideram as condições bem adequadas, "Eu posso dizer que eu tenho as melhores que eu podia ter, eu gosto muito das condições de trabalho que a rede proporciona pra gente" (Pedagogo 10); "As condições de trabalho são favoráveis" (Pedagogo 14).

Dos entrevistados, 12 possuem uma sala e 3 não dispõem deste espaço, "Todos tem local de trabalho. Ninguém fica em qualquer cantinho, como eu já tive na minha história" (Pedagogo 02); "[...] tem a sala do supervisor com espaço pra reunião. Quando a gente precisa conversar particularmente, tem o espaço que a gente conversa particularmente [...]" (Pedagogo 09).

Embora muitos tenham espaço, nem sempre ele é adequado. "Pois é, até hoje o Pedagogo está muito deixado para lá, não tem espaço favorável para ele, né. A escola até que tem uma salinha relativa, ela não é a mais propícia não [...]" (Pedagogo 13).

Possuir uma sala, na visão de alguns profissionais, pode ser considerado um privilégio conforme ressaltou o Pedagogo 05, "Ah isso faz falta. Eu já vivi, hoje eu já não tenho uma sala mais, hoje eu já não tenho mais esse privilégio. Eu já tive época que eu tinha aquela sala que hoje é a sala dos professores e que é o arquivo morto da Secretaria [...]" O Pedagogo 06 também vivencia essa realidade de não possuir uma sala.

É, as minhas condições de trabalho, eu não tenho uma sala, você tá percebendo, né. Nós temos essa, esse espaço aqui que você tá vendo, é a sala da diretora, da vice-diretora, da secretária, do pedagogo, todos os arquivos estão ali e a máquina que reproduz todo material também está ali (Pedagogo 06).

Nas narrativas dos sujeitos, é visível a importância atribuída ao espaço, pelas justi-

ficativas apresentadas, uma vez que eles têm razão ao mencionar que lidam com professores, alunos e pais e há determinados assuntos que necessitam de privacidade, sem contar os registros alusivos à vida escolar dos alunos.

A gente não tem um espaço, por exemplo, eu não tenho um espaço para receber um pai reservadamente, não tem um espaço para conversar com um professor reservadamente. Porque eu não posso falar com o professor, né, chamar a atenção dele, por exemplo, a respeito de uma metodologia que não está sendo eficiente na frente de todo mundo (Pedagogo 08).

Alguns pedagogos trazem claramente o desejo de ter uma sala.

Eu gostaria de ter uma sala em que os livros e os materiais de pesquisa dos professores pudessem estar nessa sala, que eu pudesse receber os professores na hora da Educação Física ou em outros momentos pra ter uma conversa lá. Aqui, se um pai chegar pra conversar as outras pessoas têm que sair pra cozinha, então não tem condições adequadas como eu gostaria de ter, nem físicas. [...] (Pedagogo 06).

Em relação aos materiais e equipamentos disponíveis, na concepção de alguns esses aspectos são avaliados como ótimos, para outros há uma divergência, pois às vezes possuem materiais e equipamentos em boas condições, entretanto, a infraestrutura deixa a desejar, pois percebem a precariedade pela qual passa o sistema de ensino público no país.

Sobre este assunto, os relatos abaixo demonstram que as condições são satisfatórias.



De infraestrutura nós temos equipamentos, temos computadores, internet, temos reprodução de material. Igual agora nós aplicamos na semana passada Avaliação Diagnóstica em Habilidades de Língua Portuguesa e Habilidades de Matemática. As escolas têm máquina pra reproduzir isso com qualidade, com rapidez. [...] Quem trabalha na Zona Rural tem transporte pra levar de uma forma organizada. Então nossa condição de trabalho em termos de infraestrutura é lógico que sempre pode melhorar, lógico (Pedagogo 02).

Tenho de tudo nessa casa. Tudo que eu peço. [...] Tudo. Se eu falar eu preciso de papel cartão pra fazer umas bolas que eu quero fazer pra Copa, pode ir lá, já tá lá. Tudo. Eu preciso deste xerox, tudo. Não falta nada. Todo material, sério. Tudo, se eu te falar que eu pedi isso e eu não recebi eu estou falando mentira né. [...] Se não tiver a Diretora dá um jeito de comprar (Pedagogo 07).

Já o Pedagogo 10 está satisfeito com as condições que possui. "Em termos de material nós somos muito felizes, não falta praticamente nada. Tudo que a gente precisa, não vamos fazer isso, vamos fazer aquilo a gente recebe. Entendeu? Então não falta. Material não falta nada". Depois de um tempo, ele se lembra e faz referência à sala de recursos que será disponibilizada na escola. Concluindo seu depoimento em relação à infraestrutura, esse Pedagogo ainda cita:

E temos hoje também não só aqui na escola, mas na Rede, as telas interativas né. Que foi uma revolução mesmo na Educação, ajudou muito, particularmente os professores aqui da escola têm uma dedicação muito grande pra realmente fazer o planejamento com a tela. Eles usam de verdade, ela não tá ali de enfeite, não tá ali só pra projetar um vídeo, alguma coisa assim não, a

tela interativa aqui na escola ela é realmente usada pelos professores. Passaram por três formações (Pedagogo 10).

Avaliação similar sobre a infraestrutura é realizada pelo Pedagogo 15.

Eu vejo que aqui na escola é muito bom. É. Aqui na escola não tem essa coisa, a infraestrutura, a parte pedagógica, didática é boa, o profissional que trabalha aqui, nessa parte, dentro dessa área não pode reclamar. Sempre a gente consegue tudo aquilo assim, se não tem, fala com a gente, não, espera mais uns dias que vai providenciar. Não vejo isso nessa escola, nesse estilo não, enquanto em outra escola demora anos (Pedagogo 15).

Da mesma forma que alguns depoimentos destacam uma boa infraestrutura e fartura de materiais e equipamentos, para outros entrevistados, a realidade é completamente diferente. Situação bem inusitada é narrada abaixo.

[...] igual aqui, às vezes tem sala que não tem quadro, sabe, e aí o professor como que eu faço? E aí você tem que falar assim, começar a dar opções pro professor de como você pode fazer, por exemplo, tem professor que leva a televisão e o computador pra sala de aula. Tem uma ali que comprou um quadro, ela mesma comprou um quadro e ela vai com o quadro pra frente e pra trás (Pedagogo 05).

Outros profissionais não emitiram um parecer satisfatório e nem insuficiente ao avaliarem materiais e infraestrutura, já que há uma variação. Às vezes a instituição de ensino dispõe desses, porém nem sempre estão em condições ideais de uso ou dispo-



nível quando precisam. O Pedagogo 06, fazendo referência aos equipamentos de que a escola dispõe, destaca que esses acabam por não serem utilizados.

Equipamentos, nós custamos pra ter computadores, agora nós temos computadores, mas eles estão ligados naquele tal de Linux. Então a gente não consegue abrir todas as coisas, se o professor fizer alguma atividade em casa e mandar pra escola pra imprimir aqui, sai desconfigurado. A gente tem um laboratório de informática lá dentro com dezessete computadores também em Linux que volta e meia dá problema e aí os professores não conseguem usar, mesmo com assistência [...], deu o curso pra gente, mas é muito complicado lidar com o Linux, que é um negócio que você só tem aqui, ninguém tem em casa. [...] (Pedagogo 06).

Questões relativas à autonomia e hierarquia também emergem na discussão desta categoria. Depoimentos avaliam sua existência no desempenho da função e abordam a importância dessa autonomia para o desenvolvimento do trabalho do Pedagogo. Alguns trazem no seu discurso uma avaliação do grau de autonomia que detém em seu trabalho, considerando o tempo presente e passado.

Mas hoje eu considero que, pra minha realidade, que o Supervisor tem espaço pra trabalhar. Hoje ele tem espaço, na realidade que eu conheço tá? Tem espaço pra trocar, tem espaço pra sugerir, tem espaço pra trocar ideias com Professor. E eu acho que eu sempre tive espaço, acho que, nesses anos todos, mesmo na Direção, Supervisão, na época do quebra galho, lá na minha época do Natália Donada, do Henrique Michel tinha espaço pra trabalhar (Pedagogo 01).

Para outros, a visão da autonomia está relacionada não só ao gestor, mas também aos docentes.

Nossa, fica difícil viu. Autonomia a gente só consegue, né, no início eu não conseguia, com o tempo, depois é que eles passam a confiar em você, é que você cria essa autonomia. Eles passam a confiar no seu trabalho, é que você consegue autonomia (Pedagogo 03).

E finalizando conclui acerca da autonomia que o Gestor sempre lhe concede, "Dá sempre, sempre. Às vezes eu até venho perguntar alguma coisa e ela fala assim, não, você tem autonomia pra fazer isso" (Pedagogo 03).

Na narrativa abaixo encontramos a relação entre a autonomia e a hierarquia, bem como os atores que estão envolvidos nesse processo: o gestor e os professores. Seu discurso se dá no sentido de ressaltar a relevância da autonomia para o trabalho do Pedagogo.

Em relação à autonomia, eu acho que realmente é fundamental que o Pedagogo tenha autonomia para desenvolver o trabalho dele, né. E essa autonomia vem tanto do apoio do grupo de professores, e principalmente da direção da escola. Realmente eu nunca tive esse problema. A direção, a gente sempre trabalhou, né, junto de forma coletiva, o grupo de professores também não. (Pedagogo 04).

Ao fazer menção à hierarquia, o entrevistado explica:

Claro que, eu não faço nada sem estar consultando, sem estar discutindo em grupo. Porque eu acho que isso também é um fator importante para o Pedagogo. Tem a questão da hierarquia e



tem a questão assim, com o grupo de professores também, eu nunca levo pronto, eu levo para discussão. O que que vocês acham disso? O que a gente pode melhorar aqui? Que então você vai encontrando também o apoio. Que se o professor também, se o grupo de professores não te apoia você também não consegue desenvolver o trabalho, né (Pedagogo 04).

Um dos entrevistados considera que esta é uma questão polêmica e que não tem condições de avaliar seu grau de autonomia no trabalho. "É um caso assim, meio polêmico, né. Não assim, é, porque, ao mesmo tempo que a gente ganha uma autonomia ela é, digamos assim, que ela é controlada, né. Então, assim, ainda não sei o, como diz, não sei mensurar a minha autonomia não, tá" (Pedagogo 12).

Diante dos aspectos abordados, julgamos ser relevante salientar a postura adotada por alguns profissionais diante das condições encontradas, como o relato abaixo em que a própria experiência criou condições de trabalho.

E uma coisa que eu aprendi ao longo da minha vida, tem hora que quem faz as condições é a gente. Se a gente for, principalmente a gente que é do Estado, se a gente for ficar esperando que alguém trace pra gente a condição ideal, que alguém dê pra gente um manual de instrução a gente sofre muito. No início de carreira eu ainda tinha essa ilusão sabe. Que eu ia chegar e ia ter, no final eu fui aprendendo que não. [...] Então tem hora que você tem que criar suas próprias condições, apesar da diversidade [...] (Pedagogo 05).

Finalizando, a última narrativa evidencia a resignação demonstrada e que acentua a necessidade de estar aberto e se adequar

em conformidade com a realidade.

A gente precisa tá aberto, eu acho que o Pedagogo tem que tá aberto pra o que tá vindo, para as novidades, para os programas, para os projetos, para as avaliações externas. Porque tem coisa que a gente não tem como escolher, a gente tem que aceitar. Então você tem que tá adequando aos nossos trabalhos, aos nossos valores, em tudo que a gente acredita. Fazer o que, né, conciliar a exigência com o que eu acredito (Pedagogo 01).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as vozes dos Pedagogos procuramos salientar suas condições de trabalho focando suas percepções acerca do espaço físico de trabalho, materiais, equipamentos, infraestrutura e autonomia. Com os dados coletados, constatamos que ainda há muito a ser melhorado nas condições de trabalho de todos os profissionais da educação.

Com exceções, alguns entrevistados consideraram suas condições favoráveis, contudo, para grande parte dos pesquisados as condições de trabalho não são as melhores. Registram que houve uma melhoria, entretanto, ainda falta valorizar mais os profissionais da educação.

Os depoimentos demonstraram que muitos profissionais acabam criando sua própria condição de trabalho. Uma escola que não possui um quadro, um docente que compra seu próprio quadro, profissionais que trabalham na zona rural e não possuem transporte, ainda há aqueles que nem espaços próprios possuem para desenvolver suas atividades. São competências ou incompetências do poder público, evidenciando o descaso com a educação, mascarado pelas propagandas que generalizam a diversidade de realidades existentes no país.



Essa realidade também muda em função da rede de ensino, já que a infraestrutura oferecida inclui a disponibilização da lousa interativa, sala de recursos, dentre outros materiais. Nesses casos, reconhecemos o valor que é atribuído à educação por parte de gestores que se empenham em proporcionar condições de trabalho, ao menos, no que concerne à destinação de materiais.

Neste cotidiano, os pedagogos afirmam sua disposição no trabalho, justificado pelo amor à profissão e prazer que o trabalho proporciona. Enfim, conforme Gatti, Barreto e André (2011), o papel que a educação ocupa no cenário nacional é amplamente considerado pela sociedade, mas, infelizmente, o reconhecimento em prol da formação, das condições de trabalho e da valorização dos profissionais da educação ainda são desafios para as políticas públicas educacionais brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CODO, W; VASQUES, I. Trabalho docente e sofrimento: burnout em professores. In: Azevedo J, Gentili P, Krug A, Simon C, organizadores. **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: Editora Universidade, p. 369-81, 2000.

CUNHA, Maria Isabel. Conta-me agora. As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, n. 1-2, p. 185-195, 1997.

FÁVERO, Osmar; SEMERARO, Giovanni (Orgs.). **Democracia e construção do público no pensamento educacional brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília. 4ª ed. Liber Livro, 2008.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmaz de Afonso. **Políticas Docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: UNESCO, 2011. 300 p.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, 2004.

SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia: para além da teoria da vara. **ANDE – Revista da Associação Nacional de Educação**, ano 1, n. 03, p. 56-64, 1982.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, v. 25, n. 11, p. 22-39, 2006.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993, 131 p.